

O DESAFIO DE SER E DE ATUAR COMO DOCENTE UNIVERSITÁRIO

THE CHALLENGE OF BEING AND ACTING AS A TEACHER IN A
HIGH EDUCATION INSTITUTION

Oswaldo Dalberio

Doutorado em Serviço Social, UNESP – Professor adjunto da Universidade
Federal do Triângulo Mineiro.
Uberaba, MG – Brasil]
prof.dalberio@gmail.com

Ailton Paulo de Oliveira Júnior

Pós-doutorado/Doutorado em Educação, USP – Professor adjunto
da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.
Uberaba, MG – Brasil]
drapoj@uol.com.br

RESUMO: Neste texto apresentamos uma discussão sobre a narrativa da prática docente de três professores que ministram suas aulas em instituições de ensino superior na cidade de Uberaba, em Minas Gerais, com experiências acadêmicas diferentes. Respondemos nossa inquietação sobre os desafios de ser professor universitário e discutimos sobre a docência e o papel pedagógico do professor cuja responsabilidade, no ensino superior, é preparar o aluno para exercer uma função social. Acreditamos que cabe ao professor promover alternativas no momento da aquisição de conhecimento ou na execução de tarefas de ensino, pesquisa e extensão. Portanto, o papel do professor universitário é um desafio constante.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem. Ensino Superior. Prática docente. Professor universitário.

ABSTRACT: This paper presents a discussion of the narrative of the teaching practice of three teachers who teach their classes in a higher education institution in the city of Uberaba, in the Minas Gerais State, with different academic experiences. We answer our concerns about the challenges of being a university professor and discuss the educational role of teaching and teacher whose accountability in higher education is to prepare the student to perform a social function. We believe that the teacher promotes alternatives at time of the acquisition of knowledge or performing tasks of teaching, of research and of the extension. Thus, the role of the university professor is an ongoing challenge.

KEY WORDS: College professor. Higher education. Teaching-learning. Teaching practice.

1 Introdução

O mundo atual é marcado pela aceleração das transformações e dos conhecimentos, pela expansão da tecnologia e dos meios de comunicação, pela contestação dos valores estabelecidos, pela explosão demográfica, sendo, portanto, um mundo com novas exigências educativas.

Segundo Demo (1997) ser professor é reconhecer a existência da práxis (teoria praticante – prática teorizante) e em sua atuação, não há nada mais inovador do que repensar a própria ação, se compreendermos que inovar é um processo constante de reconstrução e, para tanto, é preciso repensar a prática realizando um processo dialético transformador. E Rios (2002), completa a ideia dizendo que ir à busca do que é inovador não é apenas novidade, mas original, ou seja, deve-se ir em busca de algo nas suas origens, referindo-se ao que é provocador, estimulador para ir adiante e organizar de forma diferente o trabalho docente.

De acordo com Oliveira (1995) a forma de ensinar utilizada pelo professor cumpre uma função social específica, de transmissão, assimilação e produção de saber. Ele fundamenta-se numa concepção de homem, de educação e de sociedade que contribui para conservar ou superar as condições e necessidades da sociedade.

Ser professor é uma tarefa que pressupõe alguns requisitos necessários: estar preparado teoricamente de maneira que esta teoria ilumine a sua prática pedagógica na interação com o aluno; saber fazer a ligação necessária do conteúdo teórico apreendido ou construído historicamente com a realidade vivencial do aluno, futuro profissional. Mas, não bastam apenas ter domínio da teoria e saber ser professor. É necessário que o professor universitário tenha algo mais contundente na relação de pessoa a pessoa estabelecendo um vínculo que ultrapasse os limites da relação pedagógica e alcance uma dimensão humana: pessoa a pessoa.

Esta é a sua grande tarefa: manifestar o humano que ele é, despertando conseqüentemente no aluno, as principais características do humano que ele também é, de forma que ambos humanizem-se a cada dia. A responsabilidade do professor em todos os níveis, e principalmente no ensino superior, é o de preparar o aluno para exercer uma função social denominada profissão. Como fazer isto levando em conta a humanidade? Para tanto, o trabalho deve pautar-se em trazer para a sala de aula tudo que

se refere ao humano, levando-se também em conta os aspectos técnicos, específicos da formação profissional do aluno.

Acreditamos que facilitar, significa proporcionar condições para que o aluno possa construir por si mesmo, o seu conhecimento e em decorrência disto, assumir posturas pessoais. Orientador é aquele que mostra os caminhos para o conhecimento. Não aquele que toma o aluno pela mão e o traz para junto de si, mas aquele que aponta para o futuro e desvenda os obstáculos possíveis que o aluno vai enfrentar. Nesse aspecto, está sempre por perto para colaborar e, até mesmo, elevar a autoestima do aluno quando este precisar de motivação. Esta visão pressupõe que o professor deva ser maduro intelectualmente, tecnicamente, e com uma experiência de vida capaz de mostrar para o aluno, o melhor caminho, segundo o ponto de vista da coerência ética e humana.

Diante dessas ideias podemos dizer que o professor universitário é considerado uma pessoa adulta e experiente com formação intelectual suficiente para ajudar os alunos a se tornarem adultos, no sentido de amadurecerem intelectualmente. Isso acontece no momento em que seus alunos são ainda jovens. Assim sendo, o professor universitário tem a tarefa de mostrar caminhos para os seus alunos, sejam eles jovens ou não.

Desta forma sua responsabilidade não é apenas ministrar aulas, proporcionando aprendizado de conteúdos práticos e teóricos, mas envolver outros aspectos também relevantes. O professor está vinculado necessariamente ao compromisso de elevar o aluno (jovem ou adulto) do senso comum à consciência dos aspectos sociais que ele vai encontrar, quase sempre, como profissional. Daí o papel imprescindível de facilitador, de orientador.

Assim, pretendemos abordar algumas questões vinculadas principalmente à maneira como professores do Ensino Superior entendem a função de ser e de atuar como professor universitário, olhando para si mesmos como tais.

Para tanto, fizemos contato com três professores universitários com experiências acadêmicas como docente para obtermos seus depoimentos sobre o que é ser professor universitário; qual o papel do professor no processo ensino-aprendizagem; como agir na situação de sala de aula na relação professor-aluno. A partir destes dados fizemos uma discussão respondendo à nossa inquietação sobre os desafios de ser professor universitário.

2 Discussão sobre a narrativa de práticas docentes

Com a intenção de compreender “o ser e atuar como professor” numa perspectiva de percepção de si mesmo foi solicitado a três professores universitários de Instituições de Ensino Superior da cidade de Uberaba – MG que descrevessem a sua experiência do que para eles é “ser professor universitário”.

Fizemos a opção por destacar fragmentos dos textos escritos pelos professores e, a partir destes, fazer uma análise qualitativa indicando categorias extraídas de sua própria fala. Para evitar transtornos éticos, optamos por identificar cada um com nome fictício, professores: Alan, Breno e Carlos.

O primeiro professor nominado Alan é mestre em Sociologia e contabiliza 13 anos de experiência no exercício da profissão do magistério. Ele nos diz:

Minha vida profissional docente começou em 1997 quando ainda fazia o mestrado. Tendo minha bolsa terminado, comecei a lecionar numa faculdade de Fernandópolis, interior de São Paulo para os cursos de Geografia e História. Lecionava Sociologia nesses cursos. No segundo semestre comecei a lecionar Antropologia Filosófica para o curso de Enfermagem. No ano seguinte e até 2002 fui lecionando em outros cursos como Economia, Fisioterapia, Psicologia e Pedagogia. Depois comecei em outra faculdade, na cidade de Bebedouro. Por um ano lecionei nas duas faculdades. Detalhe importante: eu morava em Araraquara, distante 280 km de Fernandópolis e 120 km de Bebedouro. Era, portanto (ainda sou) um caixeiro viajante da educação. Em 2005 fui chamado para lecionar no CESUBE, uma faculdade de Uberaba onde permaneço até hoje.

O professor em questão reside atualmente em Ribeirão Preto, no Estado de São Paulo e ministra suas aulas em uma Instituição de Ensino Superior (IES) na cidade de Uberaba, em Minas Gerais. Este fato, segundo ele, influencia em seu desempenho na preparação e execução de suas atividades como docente.

O professor Alan, mesmo tendo uma experiência de 13 anos de docência, ainda se sente impelido pela preocupação de ser um professor competente e responsável, sentindo-se motivado em sua atuação. Isso nos parece ser a responsabilidade professoral que está evidenciando a qualidade ética e humana dessa tarefa. Ele demonstra ter consciência do seu papel, o compromisso profissional na atividade docente. Ele justifica isto quando aponta que

Antes de chegar à classe sempre sinto um “frio na barriga”, pois não sei como se dará a aula. [...] perder isso para mim significa perder o encanto pela minha profissão e espero, sinceramente, que isso nunca aconteça. Passado esse primeiro impacto vou sentindo a classe, o “humor” da turma. Isso é muito interessante, pois na mesma turma sempre há variações significativas desse “humor” e isso influi muito no desenrolar da aula. [...] eu me vejo, em minha atuação, como alguém que quer acertar, mas que não está pronto e nunca deve estar. Acho que, é assim que me vejo, o professor nunca pode se considerar pronto e acabado.

Segundo Rios (1993), o ofício de ser professor caracteriza-se como uma atividade profissional para o qual corresponde um “dever” a ser realizado de uma maneira específica, por meio da articulação das dimensões política, técnica e ética de seu trabalho. Para ela, a partir do entrecruzamento dessas três dimensões é que a atividade docente competente se configura, por meio do exercício da responsabilidade do professor, em uma ação consciente, intencional, comprometida, livre e, portanto, ética de sua parte.

Alan faz uma classificação sobre o papel do professor, destacando aspectos positivos e negativos quanto à relação professor-aluno. Indica que o “poder” que o professor exerce sobre a sua turma pode ser utilizado de formas diferenciadas. Desta forma, ele indica em sua fala:

[...] acredito que um dos aspectos mais importantes na vida profissional de um professor seja a capacidade que tem de instigar as pessoas. Acho que isso lhe confere um grande poder.

Quando canalizo esse poder para um lado positivo que é a melhora do indivíduo, a busca do conhecimento, a busca do autoconhecimento, posso me sentir realizado.

Segundo Gadotti (1999), o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida. Desta maneira, para que o diálogo possa ser mais bem cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

Alan continua,

[...] infelizmente há muitos professores que instigam o lado negativo, isto é, [...] usam o conhecimento como forma de poder, de imposição aos alunos, em última instância, usa o conhecimento como moeda de troca aí temos, na minha concepção, o indivíduo que está no lugar do professor, mas não é professor.

Para Foucault (1987), poder é verbo, é ação, ou seja, é a movimentação que torna a interação dos sujeitos escolares numa verdadeira “relação de poder”. A relação professor-aluno ou as relações de poder que são tecidas diariamente entre os sujeitos na comunidade escolar é desproporcional à autonomia concedida aos alunos. Assim, os alunos diante do poder do professor são geralmente tolhidos nas suas mais significativas descobertas e/ou construções, e isso os tornam espectadores nas atividades desenvolvidas na escola.

Na atuação do professor Alan em sala de aula este se depara com a situação na qual um aluno se mostrou desinteressado pela busca do conhecimento. Diante deste fato o professor se sentiu incapaz em resolver este desafio, pois segundo ele “nenhum professor, por melhor que seja, vai conseguir demover este indivíduo a sair de onde está”. Ele justifica esta posição expondo que “não acredito em tutelação do professor para com o aluno. Desse modo, a maior dificuldade que sinto em relação à minha profissão é o convívio forçado com esses indivíduos”.

O professor não opera milagres, não tem a chave do saber, não tem varinha de condão que desperta o conhecimento em ninguém. O aluno tem uma parte ativa no processo, que se dá dentro de sua cabeça. Ele precisa fazer um esforço, mostrar ao professor que não entendeu para que o professor dê outras explicações ou formas de chegar à resposta.

Para este professor, sua concepção do que é ser e atuar como professor está configurado na seguinte direção:

[...] o professor sempre será, do meu ponto de vista, insubstituível. É ele que dá credibilidade à discussão de temas polêmicos, controversos; [...] quando existe um tema desse tipo, este apresenta da forma mais “neutra” possível, deixando que os alunos coloquem seus pontos de vista e o professor questiona estes elementos.

A predominância da forma que caracteriza o processo ensino e aprendizagem tem como fundamento a neutralidade do professor. Isto se justifica na ciência moderna quando esta trabalha com o conceito de neutralidade científica que foi agregado à educação escolar.

Entretanto, há uma dificuldade para evidenciar esta neutralidade visto que existe um grande número de possibilidades de posturas em sala em aula, que dependem de muitos fatores, como a personalidade do professor, a do aluno, as condições ambientais da escola, estratégias de ensino, entre outros.

Alan se considera um professor em construção e que tem uma visão de interação professor/aluno apenas no interstício da aula. Também evidencia que no papel do professor, na interação com o aluno há uma barreira invisível e que não deve ser derrubada. Demonstrando esta ideia, ele nos diz que:

[...] não gosto e acho que não é papel do professor participar da vida dos alunos fora da sala de aula. Quando muito, ouço os seus problemas, dou minha opinião quando solicitado, mas acho que é preciso que se mantenha uma certa distância pois, existe um papel a se desempenhar como professor que pode ser prejudicado quando existe essa aproximação. Há, em minha

opinião, uma barreira invisível que separa aluno e professor e quando esta barreira é rompida aquela relação professor aluno passa a ser outra. É por isso que acho que hoje vivemos uma deterioração do papel do professor, pois essa barreira é muito pouco construída.

Diante disto, consideramos importante ao professor a preocupação com a educação continuada, pois esta é aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana e relaciona-se com a ideia de construção do ser humano.

No vínculo do aprendizado professor-aluno, aparecem diversos valores, culturas e diferentes significados entre aquele que aprende e quem ensina. Até mesmo o objeto de conhecimento é algo valorizado socialmente de diferentes formas, dependendo também da sua utilidade dentro das experiências de cada um. Dessa forma, a cultura e a linguagem podem tornar-se barreiras ao aprendizado caso não sejam compartilhadas na relação e bem entendidas.

Existe uma ideia de que o professor deve gostar do que faz, entretanto alguns professores conjugam o gostar da profissão com a necessidade de sobrevivência. Esta assertiva vai ao encontro do que o professor declara:

[...] gosto muito do que faço, pois já trabalhei em outras áreas e não me dei bem. Acho que todos os professores tem uma grande necessidade narcísica. Como todos, admito essa necessidade. Então não é só uma questão de gostar, mas sim de precisar fazer o que faço.

Ser professor, escolher a docência como profissão vai além de apenas decidirmos por um caminho. Ensinar é sim uma arte, é sim uma vocação, é sim uma profissão e como tal merece um código deontológico, um processo de valorização salarial e um entendimento de seu papel diante da sociedade moderna.

O segundo professor, nominado Breno, tem especialização em História e conta 35 (trinta e cinco) anos de experiência no exercício da profissão do magistério, trabalha em várias escolas de ensino superior na cidade de Uberaba, em Minas Gerais.

Este professor expõe a percepção de sua vivência docente na conjuntura sócio-político-educacional e ideológica. Para tanto, justifica que

[...] entre as grandes dificuldades durante todo este período de magistério (refere-se aos 35 anos de magistério) são os fatores estruturais e conjunturais da educação no nosso País, escolas precárias, alunos com carga horária de trabalho excessiva para a sobrevivência, com salários baixos e ainda enfrentar sempre o estudo nos cursos noturnos.

O professor se coloca como interlocutor entre o conhecimento produzido pelos teóricos e o que os alunos levam para sua vida e para a compreensão de novos conhecimentos. Continua expondo que nesta relação interlocutiva entre professor e aluno, o professor considera normal tanto a empatia quanto a antipatia, relações estas que trazem a possibilidade de rever conceitos e atitudes. O importante é que haja interação entre eles. Referente a estas ideias, o professor justifica:

[...] gosto de Ensino e de Pesquisa porque promovem um aprendizado constante numa visão humanista do professor que aprende também com os alunos. O relacionamento em sala de aula para mim é importante, pois vale a empatia entre professor e aluno e até a antipatia, pois nos faz rever conceitos e atitudes. Também outro ângulo importante para o educador não é dar o conhecimento pronto, mas fazer o educando lavrar o conhecimento, abrindo caminhos para o aluno aprender. Este aprender tem significado num contexto dialético onde cada aula finda é uma síntese, um espaço aberto para novas descobertas do conhecimento científico e humano.

Acreditamos que o aprender e o ensinar são duas atividades unificadas pela relação que se estabelece entre o agente formador (professor) e o aprendiz (aluno) centrado em duas bases: interação e respeito. Sobre interação apontamos a relação gerada no âmbito do recinto da sala de aula, quando apoiada na confiança e empatia mútua, encontra no antagonismo de seus interesses e necessidades, caminhos que os guiam ao encontro har-

monioso entre pessoas como condição inerente às aprendizagens. Quanto à segunda base, reflete as conquistas adquiridas nas circunstâncias vivenciadas e que foram se consolidando através das relações e do equilíbrio entre as emoções e os valores.

Como seres sociais que somos, precisamos do convívio com as pessoas para construir a nossa personalidade e interagir com o mundo ao nosso redor. Dentro do universo acadêmico da universidade, não podemos ignorar a importância da interação entre professores e alunos e as relações decorrentes deste convívio.

O segundo professor continua dizendo que no processo ensino-aprendizagem, deve haver interação entre a abordagem teórica desenvolvida pelo professor para sala de aula e outras formas teóricas de percepção dos mesmos temas trabalhados. Neste sentido, ele afirma que:

[...] acredito que todos os temas controversos podem e devem ser discutidos em sala de aula com embasamento teórico e pesquisa sobre o assunto. São estes temas os melhores de serem trabalhados para não cair na mesmice da repetição de conteúdos prontos levados para a sala de aula pelo professor. Sempre discutidos e estudados com a mediação do professor para não cair no achismo de cada um, mas estudando os conceitos polêmicos com base no universal das idéias.

Do ponto de vista educacional, a abordagem dos temas controversos em atividades educativas oferece situações de aprendizagem que colocam em jogo valores relevantes para o exercício da cidadania na medida em que coloca os estudantes frente a perspectivas múltiplas em relação a uma determinada questão.

O professor Breno ainda indica que está sempre aberto à crítica e acredita que ela pode mostrar novos caminhos e novas perspectivas para a docência. Neste sentido diz: “Deixo em sala de aula o caminho aberto para a crítica, aceitando-a como elemento enriquecedor, para eventuais mudanças e não cair na fixidez do ensino pronto e acabado.” O professor mostra que tem consciência do seu papel como docente e está aberto a constantes revisões de seus paradigmas.

Fazer uma reflexão ou revisão de seu trabalho docente fornece oportunidades para voltar atrás e rever acontecimentos e práticas. Uma prática reflexiva confere poder aos professores e proporciona oportunidades para o seu desenvolvimento. A ideia de reflexão surge associada ao modo como se lida com problemas da prática profissional, à possibilidade da pessoa aceitar um estado de incerteza e estar aberta a novas hipóteses dando, assim, forma a esses problemas, descobrindo novos caminhos, construindo e concretizando soluções (ZEICHNER; LISTON, 1996).

O professor Breno ainda demonstra sua preocupação em formar o indivíduo para a vida e não apenas para exercer uma função social desempenhando uma atividade profissional. Segundo este,

[...] no tocante ao valor social da minha profissão foi formar o indivíduo para vida, no encontro dele mesmo e com os outros, aprendendo a trabalhar as diferenças e igualdades, permanência e mudanças. E ainda ter competência para enfrentar um mundo de trabalho onde se dá mais valor ao mercado e não ao salário.

Segundo Gomez (2001), pode-se considerar o docente como principal agente no processo de ensino, tendo um papel ativo na formação de seus alunos, auxiliando e incitando a reconstrução dos esquemas de pensamento, sentimento e comportamento de cada indivíduo. Esta concepção inclui tanto despertar a ativa participação intelectual do próprio educando como facilitar o contraste com as formulações alternativas das representações críticas da cultura intelectual.

O docente tem o dever de estar preparado e ciente de sua principal função e responsabilidade, que é a de auxiliar na formação do aluno e não apenas ser um simples transmissor de conteúdos do currículo escolar. Consequentemente os alunos não ficarão focados somente em conteúdos, mas se preocuparão com a postura que devem ter para se relacionar com o conhecimento.

O terceiro professor, a quem chamamos de Carlos, exerce a docência há quatro anos em cursos do Ensino Superior e é mestre em Educação. Aponta experiências que teve em sala de aula no contato com os alunos. Segundo ele, essas experiências demonstram sua visão de mundo e do pa-

pel de professor, declarando ainda que “gosta” de lecionar. Carlos demonstra que ser professor é, às vezes, abrir espaço de forma que o aluno possa aprender ou se preparar para o aprendizado.

Na experiência contada por ele em uma turma com 80 alunos, fica evidente a sua capacidade de lidar com dificuldades momentâneas quando uma situação que era complicada se transforma em motivação ao estudo do aluno. Relata que

[...] em uma sala pequena, as cadeiras estavam muito juntas, para se aplicar uma avaliação. A condição estava propícia para a “cola”. Pensei em dividir a turma, mas não me foi permitido. Resolvi então dizer à turma: coloque as carteiras em filas e quem estiver com “cola” coloque-a sobre a carteira e pode consultá-la. Aqueles que tinham feito a cola ficaram felizes e, os outros, caíram em desespero. Justifiquei que aquele que faz a “cola” estuda e, por sinal, precisa entender a matéria (conteúdo) para resumi-la em forma de lembrete. Não permiti que as “colas” circulassem de mão em mão. O resultado foi muito positivo porque na avaliação seguinte todos fizeram seus lembretes e eu não permiti a utilização. As notas foram bem melhores do que a primeira.

Marcelo Garcia (1998), Tardif e Raymond (2000) e Huberman (2000), indicam que docentes no início das suas atividades profissionais vivenciam situações inesperadas e difíceis. Também é considerado um período rico na construção de saberes ligados à prática docente, sendo que umas das situações é o professor lidar com a “cola” em sala de aula.

Segundo Gatti (2003) é importante que o professor procure compreender por que os alunos colam ou tentam colar em uma prova. Alguns tratam o problema da cola dramaticamente (tirando a prova, dando zero etc.), outros, virtualmente, a ignoram. Mas, na verdade, a maioria dos professores se sente perturbada quando suspeita da cola e a penalidade para quem é surpreendido colando é, em geral, severa.

Acreditamos que o professor deve encontrar os caminhos, sendo sempre interessante uma conversa para desvelar os motivos do aluno. Por outro lado, pode tentar, em classe, diminuir as oportunidades de cola, or-

ganizando várias formas equivalentes de provas, por exemplo, ou, organizando questões que merecem consultas e respostas mais individualizadas, fazendo algumas avaliações por meio de atividades em grupo etc.

O professor Carlos relata que na mesma turma houve outra situação em que assumiu seu papel de docente, acompanhando um aluno de 59 anos que estava há 35 anos fora do mundo acadêmico, em faixa etária diferente da maioria dos alunos (média de 20 anos) e que precisava de apoio extra-classe.

Em outro relato de experiência Carlos deixa claro que ser professor é ter flexibilidade para mudar o curso dos acontecimentos. Em outros termos, acompanhar os alunos sem deixar o seu papel de professor cair no descrédito. Para isso é necessário planejar.

O planejamento deve ser visto pelo educador como um instrumento de ação flexível na sua prática educacional. Se não houver flexibilidade no planejamento, ele pode não corresponder às necessidades dos educandos, engessando e não dando continuidade ao caminho para se chegar aos objetivos.

O envolvimento inicial deste professor com os alunos indicou uma relação de muita dificuldade, mas, quando trouxe para si a responsabilidade, assumiu o seu verdadeiro papel de educador. O importante em suas experiências é que soube ser professor-amigo e cativar os alunos de maneira que eles pudessem se responsabilizar pelo próprio aprendizado. Ele narra o seguinte:

[...] ainda em curso superior, aconteceu com alunos do segundo ano de Psicologia. Entrei substituindo outro professor que havia trabalhado com esta turma durante um ano. Por afinidade com o outro professor, rejeitaram-me desde o primeiro contato. Penso que isso aconteceu porque tal professor, muito competente e bastante exigente tinha um esquema de trabalho centralizado nele mesmo. Os alunos gostavam disso. Entrei com uma proposta um pouco diferente: os alunos seriam responsáveis por si mesmos. Isso foi o bastante para que eles ficassem desnoteados e, conseqüentemente, fizeram-me “bode expiatório” da classe. O primeiro semestre foi muito difícil, não conseguimos trabalhar nossa proposta. Foi uma verdadeira catástrofe peda-

gógica. No segundo semestre, revendo a maneira de trabalhar resolvemos mudar o esquema e a metodologia das aulas. Fomos extremamente enérgicos com presença, participação em sala, etc. Escalamos quatro alunos para apresentar o resultado da leitura de um texto, em forma de seminário. Orientamos de maneira que não aceitaríamos na apresentação, leitura na frente da sala. Na apresentação eles começaram a ler, interrompemos a apresentação e a aula. Fizemos com que aquele grupo fosse se preparar e apresentar com qualidade o resultado do seu trabalho. A aula naquele dia foi interrompida e o grupo foi para a biblioteca se preparar, bem como os outros alunos a estudarem o texto. Na semana seguinte voltaram a apresentarem o trabalho e a classe se surpreendeu com o grupo. Excelente apresentação. Dinâmica. Profunda. E assim foi o envolvimento nosso com a turma. Enfim, nessa turma conseguimos ser o que eles esperavam, um professor com características ditatoriais. A partir dessa postura, entendemos que cada turma tem uma dinâmica própria para ser conduzida. Fizemos boas amizades graças à capacidade flexível de conduzir o ensino-aprendizado. Mostramos ser enérgico na hora certa e, amigos no momento exato. Dessa turma, carregamos uma experiência rica de métodos de ensino. Esse processo, para nós doloroso no primeiro momento, mas prazeroso no segundo, nos fizeram ver outros horizontes na educação. Há sempre uma luz no fim do túnel.

Segundo Piletti (1989), o professor que tem entusiasmo, que é otimista, que acredita nas possibilidades do aluno, é capaz de exercer uma influência benéfica na classe como um todo e em cada aluno individualmente, pois sua atitude é estimulante e provocadora de comportamentos ajustados. O clima da classe torna-se saudável, a imaginação criadora emerge espontaneamente e atitudes construtivas tornam-se a tônica do comportamento da aula como grupo.

A relação professor-aluno também está sujeita a regras, com cláusulas como em um contrato, onde nem sempre essas cláusulas estão claras, mas se revelam no decorrer da relação, se constituindo no contrato didático. Segundo Brousseau, citado por Machado (1999), um contrato

didático é o conjunto de comportamentos do professor que são esperados pelos alunos e o conjunto de comportamentos que são esperados pelo professor. O professor se vê na necessidade de transpor barreiras que não constituem um recurso didático para reajustar a situação e ainda oportunizar esse aluno.

3 Considerações finais

O papel do professor universitário é repleto de responsabilidades e, por isso, observamos nos três professores consultados sob a égide da competência, do compromisso e da responsabilidade, os indícios da profissão docente.

O professor no exercício do magistério tem muita responsabilidade na formação de seus alunos, pois são eles os divulgadores das crenças, das esperanças, das utopias e dos desejos.

A identidade docente vai se construindo mediante pesquisas, estudos, experiências e, portanto, constantes buscas e realizações. O professor nunca está pronto, mas vai se construindo ao longo de sua história.

No processo ensino-aprendizagem, ambos, professor e aluno, devem estar em sintonia que é um dos motivos que impulsiona a relação entre estes. Significa que, na medida do possível, a relação deva ser harmoniosa e profícua.

Na relação pedagógica na qual os envolvidos no processo ensino-aprendizagem aprendem um com o outro, numa interação rica e permanente, é importante destacar que o professor quando está preparado para exercer a sua função docente é capaz de fazer uma síntese do conhecimento construído ao longo de sua história e da humanidade.

Mas, por outro lado, nem sempre a relação é tão harmônica. Encontramos professores que estão preparados teoricamente, entretanto, no que se refere à utilização de procedimentos didáticos para facilitar o aprendizado do aluno, deixam a desejar. Nesse aspecto, o aluno passa a ser um obstáculo às suas aulas. Por mais que se esforce para melhorar a qualidade de seu trabalho, sempre há uma insatisfação pessoal tanto dele quanto dos alunos. Por causa disso, é sempre um sacrifício ministrar aulas.

Além disso, encontramos alunos que, por diversas razões, não estão predispostos a participar e nem de acompanhar o trabalho de alguns professores. Nos cursos de graduação, especificamente nas licenciaturas, encontramos alunos trabalhadores que, segundo Pimenta e Anastasiou (2005), apresentam características de passividade, desinteresse, individualismo, indisciplina, falta de compromisso com os estudos, entre outros aspectos. Por outro lado, há alunos que querem facilitar os acontecimentos em sala de aula na relação pedagógica, estão interessados e se esforçam muito para aprender.

Por conseguinte, devemos elucidar que da mesma maneira como há professores que tem dificuldades em ministrar aulas, apresentam formação precária e falta de compromisso profissional, há professores outros comprometidos e com boa formação.

Com essas ideias é possível indicar que o papel do professor se estabelece como desafio constante: ele é um adulto que interage com o aluno; no exercício do magistério há várias situações envolvidas: o pessoal, o social, o econômico, o político, o ético, o ideológico, entre outros; o aluno está para aprender na mesma medida que o professor está para ensinar; o conhecimento construído historicamente pela humanidade precisa avançar e no momento do ensino-aprendizagem se estabelece como princípio novamente.

Portanto, o papel do professor ultrapassa o apenas agora. No passado buscava os elementos necessários para sustentação do presente e, em seguida, direciona-se para o futuro não apenas como consequência dos anteriores, mas principalmente para forjar utopias. Tais utopias motivam o aluno mobilizando as suas energias vivenciais para ir ao encontro delas. É isso que caracteriza o processo ensino-aprendizagem eficiente.

Referências

- DEMO, P. Obsessão inovadora do conhecimento moderno. In: *Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis, RJ:Vozes,1997.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GATTI, B. O professor e a avaliação em sala de aula. *Estudos em Avaliação Educacional*. São Paulo, n. 27, p. 97-114, 2003.

- GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1999.
- GÓMEZ, P. A. I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Ed., 2000. p. 31-61.
- MACHADO, S. D. A. et al. *Educação matemática: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1999.
- MARCELO GARCIA, C. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, n. 9, set./out./Nov./dez. 1998.
- OLIVEIRA, Z. M. R. Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica. *Cadernos Cedes*, Campinas, n. 35, p. 51-63, 1995.
- PILETTI, C. *Didática geral*. 24. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. *Docência no ensino superior*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Docência em Formação).
- RIOS, T. A. *Ética e competência*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1993. (Questões da Nossa Época, n. 16).
- RIOS, T. A. Competência ou competências – o novo e o original na formação de professores. In: ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. C. *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 73, dez. 2000.
- ZEICHNER, K.; LISTON, D. *Reflective teaching: An introduction*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1996.

Recebido em 6 dez. 2010 / Aprovado em 14 dez. 2011

Para referenciar este texto

DALBERIO, O.; OLIVEIRA JÚNIOR, A. P. O desafio de ser e de atuar como docente universitário. *EccoS*, São Paulo, n. 26, p. 209-225, jul./dez. 2011.

